

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

NE SUTOR... Coisas e loisas

E' velho e sabido que, no decorrer das longas horas da existência, por mais esforços que façamos, para encobrir qualquer defeito da nossa constituição moral ou física, lá vem uma ocasião, um pequeno descuido, que nos leva a patentear ao público o defeito que, com tanto empenho, procuramos sempre disfarçar.

Ainda aqueles que armados com os mais aturados estudos, com a prática que têm adquirido na convivência de bons mestres, seguem canceirosa e conscientemente os conselhos e exemplos deles recebidos, esses mesmo, ainda às vezes caem em erros, que, logo percebidos, procuram com afan desfazer, ou de algum modo remediar.

Porém os que, sem serem especializados, apenas têm a chamada *sciência dos livreiros*, que conhecem os autores somente pelas lombadas dos livros que vendem, esses, ignorantes, que se arrojam a versar todos os assuntos, em que pretendem mostrar-se profundos conhecedores, de tudo falam, tendo uma caterva de termos técnicos que com paciência e aturada teimosia encaixaram na mioleira, termos que quasi sempre *à la diable* empregam, procurando fazer figura perante os inscientes e os pobres pacóvios que, sob as suas ordens, têm a infelicidade de trabalhar, esses lançam-se à prática de coisas inéditas, destrambelhadas mesmo, só próprias da crassa ignorância que possuem, inconscientes dos erros que cometem.

E como a ignorância é sempre atrevida, vá de crear um estilo só seu, onde as regras e os verdadeiros estilos sofram tratos de polé e saiam perfeitas aberrações.

E não se diga a estes sábios: *"Emenda a mão, oh! coisa!"*, Arde Troia, se alguém tem o arrojo de notar defeitos nas imbecilidades creadas nos bestuntos desses pseudo-sábios!

Enchem-se da vacuidade do seu nada e ninguém os atura.

Assim, naquilo que produzem, ver-se-há um amalgame inconcebível, uma tal baralhada de coisas, que mais parecem uma *feira da ladra*, do que um estilo, em que a Arte predomine.

Não. Aqueles que têm a infelicidade de não se conhecerem, não devem abalar-se a altas cavalarias, devem, sim, cingir-se ao pouco para que a sorte os fadou.

Quem te ensinou sapateiro a tocar rabeção?

A.

Coisas e loisas

Suprima-se o registo civil, ou, pelo menos, que ele fique para depois do registo religioso, clamam os corifeus do clericalismo.

E sabem os leitores qual o argumento em que agora se baseiam os coitadinhos dos vassallos do papa-rei para o bom resultado da sua campanha? Ora vejam:

A vida está cara, o registo civil é caríssimo, daqui se concluindo que nem todos têm com que pagar o registo religioso, indispensável à boa vida, neste e no outro mundo, das almas.

São ou não são uns alhos? Há dinheiro para o acto religioso, que para o resto... tanto monta. Porque é que estas reverendíssimas não resolvem — elas, que tanto se interessam pela salvação das almas — fazer as coisas de graça, o registo religioso de graça?

Porque será que a Igreja anda concede sem a adeantada propina? A Igreja não dá nada; a Igreja vende tudo, desde as bulas aos espinhos da corôa do Cristo, desde os rosários até às missas. Não dá nada. E tão sovina é, que nem foi ela que deu a lenha para as fogueiras da inquisição.

A vida está cara, o registo é caríssimo e o dinheiro faz-se esquivo na bolsa do crente. E no entanto, como pobres em romaria, as seráficas creaturas, tão seráficas e tão desinteressadas, esfalfam-se a pedir... um automóvel... p'r'o bispo. A vida está cara, o dinheiro faz-se pouco; mas o chefe e os príncipes da pobre cristandade arrastam sédas e arminhos, ostentam pedras preciosas e votam automóvel. Humildade, modéstia, pobreza, tudo o que Cristo pregou e aconselhou são vãs palavras, macabros despojos do louco idealismo desse visionário, que morreu... por não saber viver.

São de topete. Não há dinheiro para um corriqueiro registo religioso, mas há-de havê-lo para um *oito cilindros* com que se quer deleitar os pés e os rins de um bispo.

Nem coerência, nem vergonha!

*

«A Morte da Vida» é o titulo de um livro que a Snr.^a D. Carmem Marques há tempos publicou, com o fim único de pôr em foco as mazelas da educação conventual, que tende a fazer de cada individuo um farrapo sem vontade própria, um ser passivo, obediente, à pernicioso acção do ultramontanismo.

A autora, que durante dois anos recebeu uma educação conventual ao falar-nos da sua obra, diz o seguinte:

«Chegada a altura em que cuidei ter enfim uma perfeita liberdade de consciencia e em que pude avaliar quanto de pernicioso havia para o individuo e para a sociedade na educação feita pelas congregações, entendi que era dever meu escrever esse livro,

(Conclue na 2.ª página).

Instrução e Educação

A salvação nacional pela acção escolar

XII

Nunca é demais repeti-lo: a acção escolar sobre a cooperação dos trabalhadores deve ser intensa e extensa.

No primeiro quartel do século XIX, Say agitou o mundo económico e a sciência económica clássica foi construída no seu «Tratado de economia política» e «Catecismo de economia política».

Porém, só os seus sucessores proclamaram as vantagens do cooperativismo, porquanto aquêle mestre, dedicando vários capítulos da sua obra ao «salário» ao «trabalho» e a muitos problemas correlacionados com o cooperativismo, não fazia alusões a elas.

A apologia do cooperativismo feita por grandes mestres da especialidade foi engrossando as raízes do regime nos próprios Estados em que inicialmente ia sossobrando, pelo convencimento de que era um excelente meio de educação, de administração e de organização do operariado.

Assentemos, porém, em que as cooperativas não terão viabilidade alguma sem uma larga instrução popular.

E esta somente se conseguirá, quando a organização e instalação do ensino e da escola sejam o que devem ser; quando a inspecção seja o que os bons professores reclamam há mais de um quarto de século; quando o professor primário for assistido pelo Estado e pelos seus cidadãos, preparado pelas escolas normais em equação com a grandeza e nobreza da sua função social e com as tendências de um povo que prese e admire a civilização sempre crescente.

Não nos fatigamos de o dizer: o ensino em Portugal enferma ainda muito da tradição livresca; é muito abstracto e incapaz de retenção por parte dos alunos.

E professor que no presente se abalance a romper com a tradição ainda tão arreigada é professor inutilizado no tablado dos exames, em que uma maioria esmagadora de jurís só abstracções propõe aos examinandos.

Por outro lado a nossa literatura infantil tem deixado muito a desejar.

Um bom livro — sobretudo o de leitura diária — versando assuntos práticos, como noções claras da vida, da agricultura — primordial industria nacional — de economia doméstica e social, das indústrias e da moral; o professor regendo gráficamente no quadro preto todas as disciplinas, em ordem a despertar a actividade de todos os sentidos dos discipulos; dialogando com elle e expondo documentadamente, e provocando-lhe o espirito em objecções realizariam a instrução educativa consentânea com as necessidades do nosso povo e dos tempos que vão decorrendo.

E se este método de ensino é bom na escola primária, na escola normal seria optimo: aqui o aluno mestre deve tomar nos seus cadernos de todo o ensino que lhe

IDEAL! IDEAL!

(Ao Dr. Eduardo de Almeida)

A chama invulnerável e incorpórea
Que faz dinamizar o pensamento,
Não é, não — ó tiranos! — a vã glória
De Ideal que se perde a um sópro lento.

E' um fulgôr, de que não há memória,
A alvejar todo o espirito sedento
D'Amor e Liberdade — o sol da História
Sopeando à Humanidade o sofrimento!

Já quando o Homem, na espiral imensa
Do seu maravilhoso evoluir,
Sentia o peso duma grave ofensa,

Fizera a sua cólera explodir.
E a labareda dessa chama intensa
Lambia a Treva e mostrava o Porvir.

1929.

L. COELHO.

António Maria da Silva

Acaba de sofrer rude golpe, este categorizado membro do Directório do Partido Republicano Português, que acidentalmente se encontra no Funchal.

Quando sua estremecida esposa se lhe foi juntar para participar das Festas da Família, esta, a um ataque repentino, faleceu, abrasando de dôr o coração alanceado deste nosso prestimoso correligionário e prestante cidadão. Comovidísimos, associamo-nos e acompanhámos S. Ex.^a no transe doloroso que acaba de sofrer. «A Velha Guarda» apresenta ao grande democrata os seus sentidos pesames.

A Comissão Municipal do Partido Republicano Português, ao ter conhecimento de tal noticia, endereçou ao Sr. António Maria da Silva, o telegrama do teor seguinte: «António Maria da Silva — Funchal. Comissão Política Partido Republicano Português, Guimarães, exprimindo sentir todos correligionários desta cidade, acompanha Vossa Excelência transe doloroso acaba sofrer. Pela Comissão (a) Bernardino Jordão».

foi ministrado, como ensaio de fixação; e o professor, sem especie alguma de dogmatismo, não exigirá que o discipulo declame, de cór a lição, antes por habeis interrogações verificará da justeza do seu trabalho ao assunto dela.

Estes desprezenciosos artigos nem de longe pretendem tomar a indole de pedagogicos; mas a sua indole não dispensa sempre ligeiras referências á organização, caracter e ministração do ensino em Portugal, onde felizmente há professores que verdadeiramente o são.

Não devemos, pois ser acusados de nos desviarmos do fim que nos propuzemos.

22-12 929.

Prof. J. F. B.

(Continua).

Esmolas

A caridade... deles

Fomos informados que de todos os padres residentes nesta cidade, a quem a Comissão Promotora da Ceia de S. Crispim, se dirigiu, um só houve que compreendeu o alcance do Natal aos Pobresinhos — contribuindo com o seu óbulo.

O resto (que faz imposição da caridade e diz ter sido ela um dos bons predicados de Jesus), nem um ceitel para matar a fome aos infelizes, nem um trapo para os agasalhar do frio agreste destas noites de Dezembro!

Que ministros e que ricos discipulos de Cristo!

Podem ver o semelhante morrer à mingua de pão, podem vê-lo tiritar de frio, que nenhuma compaixão lhes merecem desde que não lhes possam dar ganho.

Que tristeza e que miséria! E havemos de os aceitar como bons?!

Caleiros

Continuamos a lembrar que no Código de Posturas há disposições para evitar que o pacífico transeunte se veja na necessidade de tomar banhos de chuva, em época fóra da estação thermal.

Porque se não aproveitamos os zeladores para, em dias de chuva, irem ver quais dos senhorios devem ser intimados a mandar concertar os seus caleiros?

Isto não é ensinar o padre-nosso ao vigário, mas sim um alvitre.

Tudo o que se faça em contrário, merece reparos, pois dá origem a favores e a falta... de conhecimento da intimação camarária.

Um bocadinho de zelo, e tudo ficará remediado.

